

# A hostilidade do capitalismo à arte e o desenvolvimento desigual dos gêneros artísticos

## The hostility of capitalism to the art and the unequal development of artistic genres


---

Juarez Torres Duayer

Professor Titular da  
Universidade Federal  
Fluminense–UFF, Escola de  
Arquitetura e Urbanismo,  
Niterói, Rio de Janeiro.

[juarezduayer@id.uff.br](mailto:juarezduayer@id.uff.br)

provided by Universidade de Brasília. Portal de Periódicos da UNB

powered by  COBE

 <https://orcid.org/0000-0001-9886-2079>

Recebido em: 07/12/2018

Aceito para publicação em: 10/12/2018

---

## Resumo

Marx não escreveu sistematicamente sobre o que denominou na *Introdução de 1857* de “o modo artístico de refletir o mundo”, mas é conhecida sua menção à hostilidade do capitalismo à arte. György Lukács tratou desta hostilidade e do desenvolvimento desigual da arte em sua *Estética* no quarto e último volume da obra em um capítulo dedicado às peculiaridades do reflexo estético na música, arquitetura, artesanato, jardinagem e cinema. Ele retomou esses estudos em *Para uma Ontologia do Ser Social* e mostrou como a hostilidade apontada por Marx afetou o desenvolvimento autônomo e desigual das artes e dos gêneros artísticos.

**Palavras-chave:** Marx. Arte. Capitalismo. Desenvolvimento desigual

---

## Abstract

*Marx did not systematically write about what he called in the 1857 Introduction of “the artistic way of reflecting the world”, but we know of his mention about the hostility of capitalism to art. György Lukács treated this hostility and the unequal development of artistic genres in his Aesthetics and in the fourth and final volume of the work, dedicated a chapter to the peculiarities of the aesthetic reflex in music, architecture, crafts, gardening and cinema. He resumed these studies in his Towards an Ontology of Social Being to show how the hostility pointed out by Marx affected the autonomous and unequal development of the arts and various artistic genres.*

**Keywords:** Marx. Art. Capitalism. Unequal development

Na primeira parte da apresentação procuro resgatar algumas passagens da *Ontologia do Ser Social* a respeito do desenvolvimento desigual e, na segunda, localizar e comentar a partir da *Estética* o tratamento dado por Lukács à questão do desenvolvimento desigual dos gêneros artísticos e da hostilidade do capitalismo à arte<sup>14</sup>.

### 1. *A Ontologia do ser social e desenvolvimento desigual dos gêneros artísticos*

Retomo na *Ontologia do Ser Social* em sua Primeira Parte – A Situação atual dos problemas, Capítulo IV, Os princípios ontológicos fundamentais de Marx, em seu item 3, *Historicidade e Universalidade Teórica*<sup>15</sup> – algumas passagens sobre a importância atribuída por Lukács à questão do desenvolvimento desigual para a teoria marxista da história e para a “relação desigual” do vínculo entre o desenvolvimento econômico e objetivações sociais importantes, como o direito e, sobretudo, a arte.

Para efeito desta exposição, antecipo que Lukács considera que “a primeira produção realmente social, a capitalista”, se constitui também “no primeiro terreno adequado à plena explicitação do desenvolvimento desigual” (LUKÁCS, 1979, p.127). Gostaria também de chamar a atenção, no capítulo que iremos examinar – *Historicidade e Universalidade Teórica* –, para a centralidade das “notas fragmentárias” (a expressão é de Lukács) de Marx da *Introdução de 1857* tanto na *Ontologia* quanto na *Estética*.

Optamos por iniciar pelo trecho em que Lukács, após sublinhar a prioridade ontológica dos processos globais sobre seus elementos constitutivos em sua unidade de fenômeno e essência, fala da “conexão real contraditória entre o desenvolvimento objetivo e as formas de valor necessariamente antitéticas que dele resultam” para advertir, em seguida, que só poderá se aprofundar nestas questões

quando tiver que tratar da questão, de grande importância para Marx, do desenvolvimento desigual: Tudo o que dissemos até aqui, é apenas uma parte dessa

---

<sup>14</sup> O problema do desenvolvimento desigual na gênese, no ser estético, nas obras e no efeito das artes seria tratado na terceira e última parte da *Estética* que teria como título provisório “A arte como fenômeno histórico –social”. Sabemos, entretanto, que das três partes projetadas, apenas a primeira parte da *Estética* foi concluída.

<sup>15</sup> *Ontologia do ser social– Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. A partição dessa edição que estamos utilizando é a mesma do Sumário do v.1 de *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2012.

problemática global, que tem um significado central para o marxismo” (LUKÁCS, 1979, p.92)<sup>16</sup>.

Sobre a prioridade ontológica dos complexos do ser social com relação a seus elementos no âmbito das análises do desenvolvimento objetivo, o filósofo dirá que só um complexo pode ter história, já que os elementos constitutivos da própria história – como estrutura, transformação estrutural, direção, desenvolvimento, progresso, etc.– só são possíveis no âmbito dos complexos (LUKÁCS, 1979, p. 92).

Mais adiante, ao apresentar as características globais do método marxiano, Lukács recorda que Marx considera indispensável para o processo cognoscitivo “não somente as abstrações e as generalizações, mas, igualmente lhe aparece indispensável a especificação dos complexos e das conexões concretas” e somente após afirmar que em termos ontológicos o “conhecimento só pode abrir caminho para esses objetos investigando os traços particulares de cada complexo objetivo”, recorda que Marx, na *Introdução de 1857*, ao falar “do conhecimento relativo a um complexo tão central quanto ao desenvolvimento desigual”, observa que “a dificuldade reside apenas na maneira geral de formular essas contradições. Uma vez especificadas, só por isso estão explicitadas” (LUKÁCS, 1979, p. 110).

Situadas as questões relativas ao desenvolvimento desigual no método de Marx quanto à prioridade ontológica dos complexos em relação a seus elementos constitutivos, Lukács reitera a relevância da questão do desenvolvimento desigual “para a teoria marxista da história” e retoma as “notas fragmentárias de 1857” para lembrar que Marx se detém sobretudo na “relação desigual” que se verifica “no vínculo entre desenvolvimento econômico e objetivações sociais importantes, como o direito e, sobretudo, a arte” (LUKÁCS, 1979, p.123).

Sobre as questões do desenvolvimento desigual, no plano metodológico, Lukács adverte que elas se referem “sobretudo” à arte, mas observa que na *Introdução de 1857*, Marx coloca a seguinte questão: “de que modo as relações de produção, como relações jurídicas seguem um desenvolvimento desigual”? – para, em seguida, lamentar que “não há em Marx indicação sobre a solução metodológica” (LUKÁCS, 1979, p. 128). “Por sorte nossa”, prossegue o filósofo, Marx voltou ao assunto em uma carta na qual criticava o *Sistema dos direitos adquiridos* de Lassalle e lembra que o próprio Engels nos deixou

---

<sup>16</sup> Lukács se refere aqui aos exemplos que deu dessa conexão contraditória a partir do exame das formações ocorridas depois da dissolução do comunismo primitivo e que levaram à escravidão antiga, ao feudalismo e ao capitalismo (LUKÁCS, 1979, p. 91).

algumas observações sobre as relações jurídicas em uma carta a Conrad Schmidt (LUKÁCS, 1979, p. 129).

Com essas indicações de Marx e Engels sobre a esfera jurídica, Lukács observa que as condições de “desigualdade” dos dois complexos objetivos (o artístico e o jurídico), são radicalmente distintas e passa a tratar do segundo problema enfrentado por Marx no quadro do desenvolvimento desigual: o problema da arte.

Com o objetivo de “trazer à luz os componentes sociais que tornam desigual o particular fenômeno do desenvolvimento artístico” (LUKÁCS, 1979, p.135), pela segunda vez, Lukács faz referência à citação de Marx acima mencionada sobre as dificuldades de formular e explicitar as contradições de um “complexo tão central quanto ao desenvolvimento desigual” no âmbito do complexo artístico.

Ressaltando que a argumentação sobre as questões do desenvolvimento desigual, do ponto de vista metodológico, foram tratadas sobretudo em relação à arte, Lukács passa a investigar, nas relações entre base e superestrutura, os componentes que tornam desigual o desenvolvimento artístico, considerando que Marx, em suas notas de 1857, ao partir “do caráter social concreto da sociedade sobre cujo terreno nasce aquela obra de arte que é tomada em consideração”, rompe, com este procedimento preliminar, dois preconceitos que sempre levaram “o método de seus chamados seguidores a cair em descrédito”: o primeiro preconceito, o fato de que a gênese da obra de arte, por esta pertencer à superestrutura, pode ser derivada de maneira simplista e direta da base econômica; o segundo, que a gênese revelaria um simples nexos causal entre base e superestrutura (LUKÁCS, 1979, p.135).<sup>17</sup>

Na questão da gênese e dos nexos da obra de arte com a infraestrutura, sua base econômica, Lukács observa que a conexão causal sempre existe, mas que para o conceito marxista de “gênese”, tem importância decisiva saber se esse tipo de determinabilidade – o mundo social – “favorece” ou “obstaculiza” o nascimento de uma arte. Voltando à constatação de Marx quanto ao desenvolvimento desigual face à produção artística, Lukács

---

<sup>17</sup> No primeiro caso, Lukács relembra o exemplo de Homero utilizado pelo próprio Marx na *Introdução de 1857*, para mostrar como a arte homérica é inseparável da mitologia grega e não pode ser derivada de modo simplista da base econômica; ironicamente, diz que não fosse Marx, os vulgarizadores lhe teriam reprovado por negligenciar a base econômica e, finalizando, acrescenta que não há a menor dúvida que Marx considerava o ser social das “referências mitológicas” como determinado pela estrutura econômica da época (LUKÁCS, 1979, p.135).

transcreve mais dois conhecidos momentos das notas de 1857 a respeito das dissonâncias entre a arte e o desenvolvimento da base material:

Em relação à arte, sabe-se que certas épocas de florescimento artístico não estão de modo algum em conformidade com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, por conseguinte, com o da base material que é, de certo modo, a ossatura de sua organização. [...] Se esse é o caso em relação aos diferentes gêneros artísticos no interior do domínio da própria arte, é já menos surpreendente que seja igualmente o caso em relação a todo o domínio artístico no desenvolvimento geral de toda a sociedade” (apud LUKÁCS, 1979, p.136)<sup>18</sup>.

Deste conjunto de considerações elaboradas a partir da *Introdução de 1857* com o objetivo de demonstrar que, aos olhos de Marx, o desenvolvimento desigual é um fato estabelecido e que “a tarefa da ciência consiste em desvendar suas condições, suas causas, etc.” sempre no quadro da totalidade global da sociedade e que, por esta razão, o desenvolvimento específico de todo gênero artístico singular encontra-se numa relação particular com momentos determinados desta totalidade – o que significa que “a forma e o conteúdo desses momentos influem de modo concreto e decisivo no desenvolvimento do gênero em questão” –, Lukács destaca que

tendo em vista que cada um desses momentos coloca necessariamente a questão do favor ou da hostilidade, a desigualdade do desenvolvimento se dá simultaneamente com a simples existência da arte (LUKÁCS, 1979, p.136).

Ao comentar a frase de Marx sobre a hostilidade da produção capitalista – “a determinados aspectos da produção intelectual, como a arte e a poesia”, Agnes Heller (1982, p.205), não por acaso, na sequência de suas considerações sobre o caráter homogeneizante do utilitarismo burguês, observa que:

Quando Marx descreveu que o capitalismo é inimigo da arte era isto que tinha em mente, e não propriamente o fato de os artistas serem comprados e vendidos e de suas obras se transformarem em mercadorias. Poderíamos até inverter a tese marxista – se o capitalismo é inimigo da arte, esta é também inimiga daquele. A arte da época capitalista constitui um longo – e contínuo – protesto contra as relações de utilidade. Assim, a relação entre o artista e o mundo também se modificou. **Aquele deixou de afirmar este e de estar em harmonia com ele.** O artista acaba, essencialmente, por negar o mundo em que vive. Nega completamente a sua moralidade.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Sobre o desenvolvimento desigual, para Mijaíl Lifshitz, “a antinomia condicionada historicamente entre a arte e a sociedade é um elemento tão necessário para a concepção marxista da história da arte, como a teoria de sua unidade” (*La filosofía del arte de Karl Marx*. México: Ediciones Era, 1981, p.113).

<sup>19</sup> Grifo nosso.

## 2. A *Estética* o desenvolvimento desigual e a hostilidade do capitalismo à arte

Ainda que tenha se referido à sua *Estética* logo após sua publicação em 1964 como uma “tentativa” de estabelecer as bases de uma estética marxista e à própria discussão sobre ela, como “uma questão aberta para o futuro”<sup>20</sup>, não é menos verdade que na seção da *Ontologia* que estamos examinando, Lukács se reporta a ela com a convicção de quem se ateuve, na abordagem dos problemas estéticos, “rigorosamente” ao itinerário metodológico sugerido por Marx nas notas conclusivas da *Introdução de 1857*.

Na *Ontologia*, sua derradeira obra, somente após ter destacado o problema das relações entre o “ambiente social” e as condições “favoráveis” ou “hostis” ao desenvolvimento dos diferentes gêneros artísticos, é que Lukács irá se referir na *Estética* ao estudo dedicado à arquitetura como sua tentativa de enfrentar os problemas do desenvolvimento desigual nas relações entre arte e sociedade nos termos da seção da *Ontologia* que estamos examinando:

Se me fosse permitido recordar minha obra de um ponto de vista metodológico, diria que eu tentei, por exemplo, mostrar como o desenvolvimento capitalista – pelas razões indicadas por Marx – trouxe consigo, por um lado, um florescimento musical jamais ocorrido anteriormente mas, por outro, representou para a arquitetura, a fonte de problemas cada vez mais graves e cada vez mais sem solução” (LUKÁCS, 1979, p.137).

Na realidade não foi só a música que floresceu no capitalismo. Na *Estética*, além das obras Wagner, Brahms e Verdi, Lukács apontou na pintura, o florescimento do impressionismo francês e na literatura, figuras como Dickens e Thackeray, Gottfried Keller e Henrik Ibsen.

Sem deixar de assinalar que na citação há pouco referida Lukács explicita, além de seu itinerário metodológico, quase que uma súmula de suas reflexões estéticas e a importância do desenvolvimento desigual em sua concepção quanto à autonomia relativa e ao caráter irreduzível das relações entre arte e sociedade, caberia ainda ressaltar, mesmo que sumariamente, o significado desta retomada do exemplo da arquitetura.

Sabemos que com o objetivo de analisar as peculiaridades do reflexo estético, no quarto e último volume da *Estética*, Lukács examinou outras formas de manifestações

---

<sup>20</sup> Carta a George Steiner que escreveu sobre a *Estética* no *Times Literary Supplement* em junho de 1964.

artísticas (música, arquitetura, artesanato, jardinagem e cinema), mas o que se quer aqui ressaltar na notação da *Ontologia* que acabamos de referir é que o filósofo húngaro, ao tomar os problemas do desenvolvimento da arquitetura em relação ao de outros gêneros artísticos, como expressão da desigualdade das relações entre arte e sociedade, faz com que seu estudo adquira um valor quase que axiomático.

De imediato, e pela maneira com que foi retomado na *Ontologia*, na questão que estamos examinando – a da hostilidade do capitalismo à arte e o desenvolvimento desigual dos gêneros artísticos –, o estudo sobre a peculiaridade mimética da arquitetura adquire uma dimensão muito mais decisiva do que na *Estética*.

Para finalizar, dificilmente pode ser considerada uma questão menor o fato de a arquitetura ser considerada a manifestação artística que encarna por excelência, no capitalismo, enquanto negatividade de seu desenvolvimento em relação a outras formas de manifestações artísticas, o “exemplo modélico” do desenvolvimento desigual das relações entre arte e sociedade. E não porque a citação realça com maior plasticidade as relações e implicações de seu lugar na *Estética*. A um leitor atento da *Ontologia do Ser Social* – ainda que pouco familiarizado com as questões artísticas – dificilmente passaria despercebido o valor com que a análise da arquitetura aparece distinguida. Distinção que, em função da peculiaridade de sua mimese do reflexo estético da realidade e, sobretudo, de sua impossibilidade de exercer sua missão social como arte no capitalismo, oferece, no âmbito do desenvolvimento desigual, o que Lukács denominou mais acima de “exemplo modélico” face à questão que examinamos neste texto, a do favor ou hostilidade da totalidade de um determinado “ambiente social” no desenvolvimento da arte e dos gêneros artísticos.

Se em Marx, a produção capitalista é hostil à arte e à literatura, em Lukács, ela representa para a arquitetura a decadência de sua missão social e a sua quase destruição como arte (DUAYER, 2008, p.11).



## Referências

DUAYER, Juarez. *A arquitetura na Estética de Lukács*. EdUFF: 2008.

HELLER, Agnes. *O homem do renascimento*. Lisboa: Presença, 1982.

LIFSHITZ, Mijaíl. *La filosofía del arte de Karl Marx*. México: Ediciones Era, 1981,

LUKÁCS, Gyögy. Historicidade e Universalidade Teórica. In: *Ontologia do Ser Social*; Tradução de Carlos Nelson Coutinho – São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_. *Estética 1-La peculiaridad de lo estético*. Barcelona: Grijalbo, 1982, 4 v.